

O AMBIENTE ALFABETIZADOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Livia Maria Ferreira da Fonseca ¹; Ivana de Oliveira Gomes e Silva ²

¹Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia da FAPED –UFPA,

livia.ferreira@castanhal.ufpa.br

²Professora da FAPED – UFPA, Doutora em Geografia- (Unesp), ivanaogsilv@gmail.com

RESUMO

O presente artigo analisa a relação das crianças da Educação Infantil com cultura escrita durante o início da escolarização compreendida como a etapa inicial da educação básica abordando a indissociável relação entre alfabetização e letramento sob a perspectiva de Magda Soares. Essa pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa configurando-se como um relato de experiência, pois se utiliza das vivências e anotações realizadas no estágio supervisionado em uma turma com crianças de 03 anos na EMEIF Raimunda Amaral (Castanhal/Pa). A fundamentação teórica confirma a importância de práticas e vivências com a escrita na Educação infantil como importantes meios de apropriação do sistema de representação da linguagem escrita. As observações do campo e evidenciaram um ambiente alfabetizador rico em estímulos, onde as atividades intencionais de rotina, como a chadinha e o manuseio de livros, promovem um contato inicial e significativo com a cultura escrita. Conclui-se que o processo de alfabetização e letramento é fundamental na primeira infância para garantir o direito social a linguagem escrita, desde que respeitados os estágios de desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Alfabetização. Letramento. Ludicidade. Relato de experiência.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil constitui a primeira etapa da Educação Básica e, conforme estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é considerada o início da escolarização das crianças pequenas e o fundamento do processo educacional (Brasil, 2018). Nesse sentido, a Educação Infantil se configura como um espaço crucial para apropriação da linguagem escrita por meio de um ambiente lúdico e intencionalmente estruturado.

A motivação para o desenvolvimento dessa pesquisa partiu das experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado e das reflexões teóricas desenvolvidas no Projeto Brinquedoteca e Laboratório de Alfabetização e Letramento (BLALLET). O principal questionamento nasceu da necessidade de compreender como as instituições de ensino podem mediar o acesso das crianças na cultura escrita sem estar presa a práticas mecânicas de alfabetização. Pois, Justifica-se a necessidade de superar a dicotomia entre o brincar e o aprender, considerando o conceito de “Alfaetrar” como um direito social e cultural que deve ser desenvolvido desde a Educação Infantil.

O estudo adota uma abordagem qualitativa e se configura como um relato de experiência realizado em Estágio Supervisionado na Educação Infantil, conduzido na EMEIF Raimunda Amaral, localizada no distrito do Apeú, município de Castanhal-PA. Para a revisão bibliográfica, dialogou-se com autores como: Soares (2004, 2009 e 2016), Ferreiro (2001), Teberosky e Colomer (2003) e Moraes e Silva (2023), além de Gil (2018). As reflexões de Ferreiro (2001) são fundamentais para este debate, pois desafiam a visão tradicional de uma idade única para o início da alfabetização, reforçando que as crianças se familiarizam com a cultura escrita por meio das interações sociais muito antes do ensino formal.

Este estudo divide-se em duas seções principais a primeira aborda a relação indissociável entre alfabetização e letramento sob uma perspectiva lúdica na Educação Infantil; a segunda apresenta o relato de experiência com a descrição e análise das práticas observadas na EMEIF Raimunda Amaral, à luz das teorias que tratam da temática. A metodologia adotada envolve pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, observação, descrição, análise e síntese.

Portanto, esta pesquisa tem por objetivo analisar a relevância de práticas de “alfalettrar” desenvolvidas a partir de atividades lúdicas na Educação Infantil, a partir da experiência da disciplina obrigatória de estágio supervisionado em docência.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL

A Alfabetização e o Letramento são conceitos essenciais para o desenvolvimento da língua escrita e a sua distinção é crucial para a prática pedagógica na Educação Infantil. Soares (2004), esclarece que a alfabetização pode ser definida como a aquisição do sistema de escrita, ou seja, o domínio do código alfabético. Desta forma a autora define a alfabetização como uma dimensão de aquisição e domínio das regras da escrita. Ou seja, “A alfabetização pode ser entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita, alfabético e ortográfico [...]” (Soares, 2004, p. 16)

Enquanto o letramento, refere-se à capacidade de usar a leitura e a escrita em diferentes contextos e práticas sociais. Pois, as práticas sociais, presentes no mundo letrado acabam influenciando socialmente o uso da língua escrita. Neste sentido, Soares (2004, p.14) conceitua letramento “[...] pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita”.

Embora tenham surgido em momentos históricos diferentes, esses processos são complementares e indissociáveis. A indissociabilidade, existe pelo simples fato do processo de alfabetização apresentar sentido apenas se inserido em um contexto de letramento, auxiliando

as crianças desde pequenas a compreender a importância social deste aprendizado que está sendo desenvolvido. Nesse sentido, Morais e Silva (2023) salientam que mesmo na Educação Infantil as propostas pedagógicas devem partir de uma perspectiva de “alfabetizar”, e incluir atividades de leitura, compreensão e produção de textos.

Desta forma, outros autores, como Franchi (1989), reconhecem que a alfabetização não pode ser compreendida como um processo mecânico de mera correlação entre sistemas de representação. É fundamental que o processo seja considerado em seu caráter social, onde a linguagem constitui os próprios sistemas de representação das relações que as crianças estabelecem consigo mesma, com os outros e com o mundo. Neste sentido, a abordagem social desses processos reforça a necessidade de compreender as crianças como um ser social em constante interação, abandonando a visão pré-concebida de que ela é apenas um mero aprendiz da linguagem.

3 O CONTEXTO GRAFOCÊNTRICO E AS CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Desde muito pequenas, as crianças estão imersas no mundo letrado. Soares (2009) destaca que, já em 1980, Emília Ferreiro, em seus estudos sobre a psicogênese da linguagem escrita, observou que, por meio dessa convivência social, as crianças constroem sua alfabetização e letramento. Essa relação precoce e interativa das crianças com a escrita está diretamente ligada ao desenvolvimento da oralidade. Neste sentido, Teberosky e Colomer (2003, p.17) argumentam que “[...] a leitura e a linguagem não se desenvolvem separadamente, mas que atuam de maneira interdependente desde a mais tenra idade.” Ao observar a interação dos adultos com a escrita e a leitura de diferentes gêneros textuais, elas desenvolvem hipóteses e formas próprias de representação dessa linguagem.

Neste sentido, Soares (2009) reforça que a alfabetização vai muito além da mera decodificação e escrita de palavras, ser alfabetizado ultrapassa a técnica, consiste em garantir ao indivíduo o acesso efetivo a cultura e ao mundo da escrita.

Em outras palavras, Soares (2009) reforça a necessidade de que, na primeira infância, as crianças estejam inseridas em um ambiente alfabetizador que as estimulem a familiaridade com a escrita e a leitura de diferentes gêneros textuais, pois, segundo Teberosky e Colomer (2003) o ambiente em que as crianças estão inseridas tem forte influência no desenvolvimento da alfabetização. Para isso, devem ser priorizadas atividades que visem tanto à introdução alfabética quanto ao uso social da leitura e escrita.

Este ambiente alfabetizador deve ser rico em práticas pedagógicas intencionais que promovam a inserção das crianças no processo literário. Essas práticas envolvem o uso funcional da escrita no cotidiano escolar. Conforme os estudos de Moraes e Silva (2023) realizados a partir das principais obras de Soares, tais atividades são cruciais como por exemplo a exploração de letras que compõe o próprio nome das crianças, trabalho com palavras estáveis, atividades de consciência fonológica como rimas, aliteraões e segmentação de palavras.

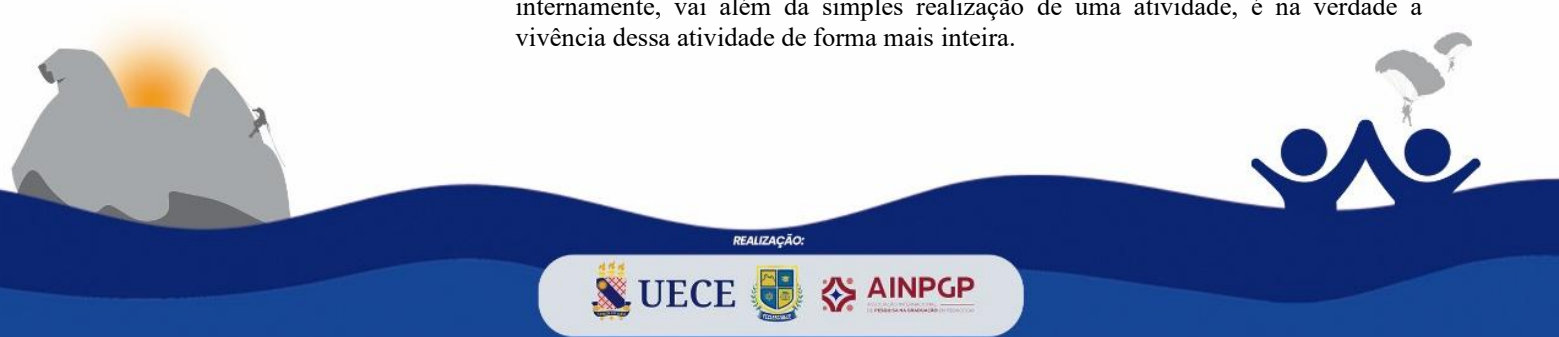
A inclusão de atividades como estas, quando presentes na rotina das crianças de 03 a 04 anos podem contribuir para a construção de hipóteses sobre a escrita. Pois segundo Teberosky e Colomer (2008, p.19) “[...] as crianças recebe informação sobre as funções, os usos, as convenções, a estrutura e o significado da escrita e da linguagem escrita.” Auxiliando as crianças a compreenderem a linguagem escrita como um objeto cultural que possui função social, antes mesmo do domínio completo do código.

4 A LUDICIDADE COMO EIXO ESTRUTURANTE DO PROCESSO

Segundo Silva *et al.* (2024), o conceito de ludicidade sofreu alterações significativas ao longo dos anos, assumindo atualmente grande importância para o desenvolvimento da Educação Infantil. Este conceito está ligado não apenas ao brincar, mas a jogos e músicas; embora historicamente tenha sido classificado como uma atividade de menor relevância no contexto educacional, recentemente tornou-se um dos termos mais empregados por educadores para o desenvolvimento de experiências de vida. Tais práticas buscam promover o desenvolvimento integral das crianças, tornando o processo de ensino e aprendizagem significativos.

Para Bacelar (2009, p. 26) o conceito de ludicidade precisa ser analisado para além do ato de brincar é um recurso poderoso que auxilia o desenvolvimento da aprendizagem. Ela esclarecesse que:

O lúdico tem um papel muito mais amplo e complexo do que, simplesmente, servir para treinamento de habilidades psicomotoras, colocadas como pré-requisito da alfabetização. Através de uma vivência lúdica, as crianças estão aprendendo com as experiências, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal. Assim, a ludicidade, como uma experiência vivenciada internamente, vai além da simples realização de uma atividade, é na verdade a vivência dessa atividade de forma mais inteira.



Desta forma, a Base Nacional Comum Curricular (2017) enfatiza que as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) em 2009, já apresentavam as “interações e brincadeiras” como “eixos estruturantes das práticas pedagógicas” na Educação Infantil, o que influenciou diretamente na concepção sobre o desenvolvimento da Educação Infantil na BNCC, pautando a importância dos principais direitos das crianças como conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se por meio de atividades que permitam as crianças a se apropriarem dos conhecimentos por meio da ludicidade. Assim, segundo Soares (2024) o lúdico na Educação Infantil, propõe momentos essenciais para o desenvolvimento da linguagem escrita, as crianças constroem “sistemas de representação” os quais estes envolvem não apenas os desenhos e rabiscos, mas envolvem uma série de significados que a escrita possuem para a sociedade letrada e que servem como ponte que facilitam a compreensão do sistema de representação, ou seja, compreender a escrita alfabética como um código que representa a língua oral através da brincadeira.

5 O DESAFIO DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA CONVENCIONAL

Para Nogueira *et al.* (2023) essa temática sobre leitura e escrita, se apresenta como um dos maiores desafios para a educação brasileira pois muitos autores e alguns documentos normativos como os DCNEI, BNCC e o Plano Nacional da Educação (PNA) se prendem ao medo de privar os direitos das crianças de viver suas infâncias no espaço escolar, contudo, não abordar essa temática, podem agravar ainda mais as desigualdades sociais relacionadas ao acesso à cultura escrita.

Nesse sentido, Soares (2016) afirma que autores com Vygotsky, esclarecem a importância do desenvolvimento progressivo da linguagem escrita sob uma perspectiva semiótica, a qual primeiramente é desenvolvido por um “simbolismo de segunda ordem” que com as vivências e experiências das crianças se desenvolve em um “simbolismo direto”. Pois o simbolismo de segunda ordem refere-se as primeiras formas de representação escrita das crianças, ou seja, segundo Soares (2016, p. 57) “considera, então, como pré-história da linguagem escrita, os rabiscos, os desenhos, os jogos, a brincadeira do faz de conta [...]” onde o símbolo representa a ideia da fala de forma indireta. Já o “símbolo direto” é a escrita convencional.

Desta forma, Soares (2016, p. 59) evidência que:

[...] é preciso enfatizar que, particularmente para a Educação Infantil, elas assumem grande relevância por evidenciarem a importância, nesse nível da educação formal, do incentivo e orientação a processos de representação semiótica que preparem as crianças para a compreensão da escrita como um sistema de representação: as brincadeiras de fazer de conta, o desenho, os rabiscos, a representação icônica dos seres, objetos, sentimentos, em geral são considerados como atividades de alfabetização [...]

É necessário compreender que o desenvolvimento da escrita não necessita de uma preparação baseada apenas no ensino formal do código alfabético, mas sim, de preparo e investimento em atividades lúdicas e interativas. Nessa perspectiva, o papel do educador é fundamental, conforme apontam Moraes *et al.* (2023, p. 8):

Para que isso aconteça, o professor precisa desenvolver práticas pedagógicas que respeitem e valorizem o desenvolvimento linguístico, cognitivo e o contexto vivido. Considerando que ainda não vivemos em uma sociedade em que todos têm as mesmas oportunidades, pensar em letramentos, a partir de Soares, leva-nos a compreender a importância de reconhecer as experiências vividas para potencializar a aprendizagem.

Desta forma, a alfabetização e Letramento, pode e devem estar presentes na Educação Infantil, uma vez que essas atividades podem ser realizadas de maneiras significativas, respeitando os estágios de desenvolvimento das crianças através do brincar.

6 CARACTERÍSTICAS DO CAMPO DE ESTÁGIO E CONTEXTO

O Estágio Supervisionado em Docência foi desenvolvido na EMEIF Raimunda Amaral, localizada no distrito do Apeú, pertencente ao município de Castanhal-PA. A vivência de campo ocorreu ao longo de duas semanas na turma da Educação Infantil III A. Embora a lista de frequência contasse com 21 crianças matriculadas, observou-se que apenas 14 frequentavam.

Durante o período de observação, foi possível identificar que os níveis de escrita das crianças variavam entre as hipóteses pré-silábicas e silábicas. Tal diagnóstico foi crucial para o planejamento da intervenção pedagógica e a elaboração do plano de experiência de aprendizagem, que integra o relatório final do Estágio. Ressalta-se que a fundamentação teórica e as práticas para este trabalho também foram diretamente influenciadas pela participação no Projeto BLALLET (Brinquedoteca e Laboratório de Alfabetização e Letramento), desenvolvido na Universidade Federal do Pará/Campus Castanhal e coordenado pela Professora Dra. Ivana de Oliveira Gomes e Silva.

A partir dessa vivência educacional, observou-se uma relação entre a prática docente e as atividades realizadas no projeto Brinquedoteca e Laboratório de Alfabetização e Letramento (BLALLET). Essas ações evidenciam a importância de oferecer um espaço rico em oportunidades de leitura e escrita para crianças na primeira infância, antes mesmo do domínio da leitura convencional. Nesse sentido, a experiência corrobora a perspectiva de Soares (2009), ao afirmar que todas as crianças convivem em um contexto grafocêntrico e, antes mesmo das experiências escolares, já se familiarizam com a cultura escrita e seus usos sociais.

A vivência do estágio supervisionado é uma oportunidade muito rica, pois, aproxima a teoria da prática e torna-se um momento muito importante na formação docente. O primeiro contato com a turma de 03 anos A na EMEIF Raimunda Amaral evidenciou a configuração de um ambiente alfabetizador, rico em estímulos, o que está de acordo com o pensamento de Soares (2009) ao defender que as crianças estejam inseridas em um contexto letrado, também denominado ambiente alfabetizador. Para a autora, esse ambiente alfabetizador deve permitir que se aproveitem de forma planejada e sistemática, todas as chances de dar continuidade aos processos de alfabetização e letramento que as crianças já experienciavam antes de ingressar na instituição de Educação Infantil.

Neste sentido, a sala de experiências decorada com o tema da fábula “A joaninha e a formiga”, apresenta diferentes gêneros textuais e suportes de escrita como: calendário, chamadinha, alfabeto de parede, cartaz sobre os numerais e alguns livros. A presença destes recursos indica um esforço da docente em promover uma maior interação e familiaridade das crianças com a cultura escrita, antes mesmo do domínio convencional.

Além disso, a observação permitiu verificar o manuseio constante desses livros pelas crianças em momentos de escolha livre, como por exemplo antes do início das experiências no intervalo entre atividades o que dialoga com a BNCC ao valorizar a interação das crianças com a cultura escrita proporcionando o gosto pela leitura e estimulando a imaginação. Desta forma, Teberosky e Colomer (2003, p. 162) afirmam que “Os primeiros livros contribuem, pois, de uma maneira muito determinante na iniciação da formação do literária e pictórica e na aquisição de conhecimentos que a escola trabalha.” Ou seja, as crianças podem perceber que os livros podem contar muito mais que história, neles podem encontrar diferentes assuntos desde fábulas até receitas.

A rotina da sala de experiências também apresenta características importantes para a alfabetização. Uma das primeiras atividades realizadas após o primeiro lanche das crianças, a chamadinha, pode ser utilizada como um exemplo bastante rico, que não auxilia apenas na frequência escolar, mas contribui como um apoio para uma das primeiras escritas estáveis

desenvolvida pelas crianças, que segundo Morais e Silva (2023, p.11) “[...] assume lugar relevante na proposta de Alfalettrar”. Este recurso é fundamental para a organização do cotidiano e para a construção do conceito de escrita como objeto funcional, preparando as crianças para outras práticas de letramento que são essenciais, como a leitura de diferentes gêneros textuais e a contação de histórias realizada posteriormente.

A organização do espaço físico na EMEIF Raimunda Amaral, apresenta características que transcendem a mera decoração, pois os elementos presentes funcionam como suportes pedagógicos que auxiliam no processo de letramento. Através das observações é perceptível que as disposições dos cartazes, como o calendário e o alfabeto de parede ao alcance do olhar e do manuseio das crianças estimulam a curiosidade de forma espontânea, pois algumas crianças questionavam a funcionalidade das letras, como por exemplo, perguntas sobre “que letra é essa?”, “Essa letre é a letra M é só do macaco?”. Essa disposição de cartazes e disposição das estruturas do ambiente, funcionam como uma espécie de imersão no contexto grafocêntrico, permitindo que as crianças antes mesmo do domínio do código alfabético convencional, comecem a diferenciar a escrita de outras formas de representação como desenhos, números e entre outros.

Dando seguimento na análise das atividades observadas, o momento da contação de histórias é considerado por Soares (2004, p.59) como “[...] a principal e indispensável atividade de letramento na Educação Infantil”, pois, quando bem realizada serve como um condutor das crianças para conhecimentos e habilidades fundamentais para a inserção no mundo letrado. Neste sentido, a prática lúdica da contação de história dialoga com a necessidade de desenvolver capacidades linguísticas específicas. Segundo Batista *et al.* (2005), existem certas capacidades linguísticas que precisam ser adquiridas para a compreensão das regras que orientam a leitura e a escrita, e esses conhecimentos necessitam ser trabalhados sistematicamente. Algumas destas habilidades devem ser desenvolvidas com as crianças desde muito pequenas, promovendo, por exemplo, a compreensão da escrita alfabética e suas variações gráficas, e o domínio das convenções gráficas.

Um desses conhecimentos fundamentais para os momentos iniciais da alfabetização é que as crianças façam a diferenciação entre as formas escritas e outras formas gráficas de expressão. Batista *et al.* (2005, p. 38) esclarecem que: “Esse também não é um saber óbvio e que necessariamente “já vem pronto” e, por isso, precisa ser trabalhado nas salas de experiências de vida [...]”. Dessa maneira, a introdução de elementos da natureza escrita, deve ser desenvolvida sistematicamente logo no início da alfabetização.

Na prática observada, a compreensão da escrita alfabética é explorada através da leitura de diferentes gêneros textuais (livros, revistas, etc.), que fazem parte da realidade escolar da turma de três anos. A leitura direcionada, comentada e instigada pela professora titular durante o estágio supervisionado se adequa aos estudos de Soares (2016) e Ferreiro (2001), pois, ao apresentar a variedade e a organização dos textos, familiariza as crianças com as orientações convencionais de leitura e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a relevância de vivências de alfabetização e de letramento, no contexto da Educação Infantil. A partir do relato de experiência do estágio supervisionado, realizado em uma turma com crianças de 03 anos, os dados decorrentes da observação são analisados a partir de referenciais teóricos clássicos, na área de estudo em questão. O estudo, fundamentado em autoras com Soares (2016) e Ferreiro (2001), confirmou que os processos de alfabetização e letramento são indissociáveis, destaca que a alfabetização, só se torna significativa quando desenvolvida sob a perspectiva do letramento, o que válida a importância de um contato precoce e intencional com a cultura escrita desde a primeira infância, visto que socialmente a criança já nasce imersa em ambientes repletos de materiais da cultura escrita. Considerando esse fato, desde a Educação Infantil, as práticas de “alfaletrar” podem ser desenvolvidas, no contexto de um ambiente alfabetizador.

A observação da prática escolar na EMEIF Raimunda Amaral, se tornou uma importante atividade de campo, pois essa experiência evidenciou a importância de um ambiente alfabetizador, que seja rico em estímulos, o que demonstrou o esforço da comunidade escolar em promover a familiaridade com a escrita desde as crianças mais pequenas de 03 a 04 anos de idade. As práticas pedagógicas realizadas mesmo que de forma intencional, apresentam uma ótima sistematização de conhecimentos, resultando não apenas em um preparo formal e isolado, mas que interagem com o cotidiano em atividades como a chamadinha, o manuseio de livros, a escuta de leituras em voz alta, mostrando que a alfabetização e letramento são partes vivas da rotina escolar. Portanto, a reflexão sobre essas práticas evidencia que alfabetizar letrando é um compromisso político e pedagógico que deve permear toda organização do trabalho pedagógico, respeitando o tempo e o modo como cada criança dá significado ao mundo que está a desbravar.

Conclui-se, portanto que, que a experiência do estágio supervisionado e as contribuições das autoras, presentes no referencial teórico projeto BLALLET, reafirmaram a importância do

papel do educador como um mediador no processo de aquisição da linguagem escrita, através de atividades e intervenções que respeitem a crianças em cada nível do desenvolvimento, garantindo através do ambiente lúdico e da brincadeira, possibilidades de acesso a língua escrita de maneira mais significativa. Desta forma, esse relato, pretende contribuir para discussão da relevância da alfabetização e letramento desde a Educação Infantil, promovendo a apropriação da linguagem escrita como um direito social e cultural, que precisa ser garantido as crianças pequenas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Antônio Augusto Gomes *et al.* **Capacidades da Alfabetização**. v. 2, Belo Horizonte: Ceale/FaE/ UFMG, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 24ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FRANCHI, Eglê Pontes. **Pedagogia da alfabetização da oralidade à escrita**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.

MORAES, Jucileide Santos de Jesus; SILVA, Obdália Santana Ferraz; OLIVEIRA, Sidmar da Silva. Alfabetização e Letramento na perspectiva de Magda Soares: Diálogos em movimento. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 20, p.1-10, 2023.

MORAIS, Artur Gomes de; SILVA, Alexsandro da. Alfabetização e letramento na Educação Infantil: O legado de Magda Soares. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 20, p. 1–16, 2023.

NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; FERREIRA, Carmem Regina Gonçalves; ESPÍNDOLA, Carolina dos Santos. Leitura e escrita na Educação Infantil: um tema polêmico e necessário. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 19, 2023.

SILVA, Letícia Gabriele de Carvalho; SALVADOR, Taís Cristina; ISOBE, Rogéria Moreira Rezende; SILVA, Norma Lúcia da; REZENDE, Valéria Moreira; COSTA, Adriana Alves dos Santos. Ludicidade na Educação Infantil: importância, práticas e impactos no desenvolvimento integral da criança. **Cadernos da Fucamp**, v. 35, p. 19-34, 2024.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento na Educação Infantil. **Revista Pátio Educação infantil**, Porto Alegre, ano VII, n. 20, p. 6-9, jul./out, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista brasileira de Educação**, [S. l.], n. 25, Jan./abr. 2004.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtivista. Tradução de Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

